

Título original: *Playing and Reality*.  
Traduzido da primeira edição inglesa publicada  
em 1971 por Tavistock Publications Ltd.,  
11 New Fetter Lane, London EC 4.  
Copirraite © 1971 de D. W. Winnicott.

2,25

*Editoração*

*Coordenador:* PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

*Tradução:* JOSÉ OCTÁVIO DE AGUIAR ABREU e  
VANEDE NOBRE

*Revisão:* FRANCISCO DE ASSIS PEREIRA

*Capa:* LEON ALGAMIS

1975

Direitos para a língua portuguesa adquiridos por  
IMAGO EDITORA LTDA., Av. N. Sra. de Copacabana 330  
10º andar, tel.: 255-2715, Rio de Janeiro,  
que se reserva a propriedade desta tradução.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

D.W. WINNICOTT

# O Brincar & a Realidade

*Coleção Psicologia Psicanalítica*

*Direção de*  
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do  
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de  
Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de  
Grupo do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro  
IMAGO EDITORA LTDA.

## A CRIATIVIDADE E SUAS ORIGENS

## A IDÉIA DE CRIATIVIDADE

Tenho esperança de que o leitor aceite uma referência geral à criatividade, tal como postulamos aqui, evitando que a palavra se perca ao referi-la apenas à criação bem sucedida ou aclamada, e significando-a como um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa.

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina.

Essa segunda maneira de viver no mundo é identificada como doença, em termos psiquiátricos.<sup>1</sup> De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida. Há poucas dúvidas de que a atitude geral de nossa sociedade e a atmosfera filosófica da época em que vivemos contribuam para o ponto de vista aqui sustentado por nós e referido à época atual: poderíamos não tê-lo mantido em outro lugar e em outra época.

Viver de maneira criativa ou viver de maneira não criativa constituem alternativas que podem ser nitidamente contrastadas:

---

<sup>1</sup> Um estudo minucioso desse tema pode ser encontrado em meu artigo "Classification: Is there a Psychoanalytic Contribution to Psychiatric Classification?" (1959-64).

Minha teoria seria muito mais simples se em determinado caso, ou situação, pudéssemos encontrar um ou outro dos extremos. O problema torna-se mais obscuro porque contamos com a variação do grau de objetividade quando nos referimos à realidade externa em termos de um indivíduo. Objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido.<sup>1</sup>

Embora não seja exatamente essa a área em exame neste livro, temos de observar que a realidade externa permanece para muitos indivíduos, até certo ponto, um fenômeno subjetivo. No caso extremo, o indivíduo alucina, seja em certos momentos específicos, seja de maneira generalizada. Existem todos os tipos de expressão para designar esse estado ('treloucado', 'ausente', 'cabeça no ar', 'irreal'); psiquiatricamente, referimo-nos a tais indivíduos como esquizóides. Sabemos que eles, como pessoas, podem possuir valor numa comunidade e mesmo atingir certo grau de felicidade, mas percebemos a existência de certas desvantagens que os afetam, o que se torna verdadeiro também para aqueles com quem convivem. Sua percepção subjetiva do mundo pode levá-los facilmente a certas ilusões; ou à aceitação de um sistema delirante em determinadas áreas, ainda que possam estar firmemente baseados na maioria das áreas; ou, ainda, mal estruturados com respeito à parceria psicossomática, tornam-se incapazes de uma boa coordenação. Às vezes, uma incapacidade física, tal como visão ou audição deficientes, desempenha um papel nesse estado de coisas, com a manifestação de um quadro confuso, tornando difícil uma distinção mais nítida entre estado alucinatório e uma incapacidade que se baseia, em última análise, numa anormalidade física. O extremo desse estado de coisas corresponde à mesma descrição do estado de pacientes internados em hospital psiquiátrico, temporária ou permanentemente, e é chamado de esquizofrenia.

É importante para nós que *não* encontremos clinicamente *qualquer linha nítida* entre a saúde e o estado esquizóide, ou mesmo entre a saúde e a esquizofrenia plenamente desenvolvida. Embora reconheçamos o fator hereditário na esquizofrenia e estejamos dispostos a constatar as contribuições efetuadas, em

<sup>1</sup> Ver *The Edge of Objectivity* (Gillespie, 1960), entre muitas obras que tratam do elemento criativo na ciência.

casos individuais, por distúrbios físicos, vemos com suspeita qualquer teoria da esquizofrenia que divorcie o sujeito dos problemas do viver usual e das proposições universais do desenvolvimento individual em determinado meio ambiente. Percebemos a importância vital da provisão ambiental, especialmente no início mesmo da vida infantil do indivíduo, e, por esse motivo, efetuamos um estudo especial do meio ambiente propício em termos humanos e em termos de crescimento humano, na medida em que a dependência possui significado (cf. Winnicott, 1963b, 1965).

É possível a uma pessoa esquizóide ou esquizofrênica levar uma vida satisfatória e mesmo realizar um trabalho de valor excepcional. Pode ser doente, do ponto de vista psiquiátrico, devido a um sentido debilitado de realidade. Como a equilibrar isso, pode-se afirmar que existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda do contacto com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos.

Dentro dessa complexidade encontramos auxílio, até certo ponto, através da lembrança de que as alucinações são fenômenos oníricos que se manifestam na vida de vigília, e que o alucinar, em si mesmo, não é mais uma doença, mas o fato correspondente ao transporte, através da barreira, dos acontecimentos do dia e das lembranças de eventos reais para o sono e para a formação onírica.<sup>1</sup> Na verdade, se examinarmos nossas descrições de pessoas esquizóides, descobriremos que empregamos os mesmos termos com que descrevemos crianças pequenas e bebês, e é aí realmente que esperamos encontrar os fenômenos que caracterizam nossos pacientes esquizóides e esquizofrênicos.

Os problemas delineados neste capítulo são examinados neste livro em seu ponto de origem, isto é, nos estádios primitivos do crescimento e desenvolvimento individuais. Meu interesse se prende, na verdade, ao estudo do ponto exato em que um bebê é esquizóide, fazendo-se a exceção de que esse termo não é usado devido à imaturidade e ao estado especial do bebê em

<sup>1</sup> Embora inerente à hipótese freudiana da formação onírica, isso constitui fato que tem sido freqüentemente desprezado (cf. Freud, 1900).

relação ao desenvolvimento da personalidade e ao papel do meio ambiente.

Tanto as pessoas esquizóides quanto as extrovertidas que não podem entrar em contacto com o sonho, sofrem a mesma insatisfação consigo mesmas. Esses dois grupos de pessoas nos procuram em busca de psicoterapia, no primeiro caso, para evitar o desperdício de suas vidas irrevogavelmente fora de contacto com os fatos da vida e, no segundo caso, porque se sentem alheias ao sonho. Têm a sensação de que algo está errado, de que existe uma dissociação em suas personalidades, e precisam de auxílio no sentido de alcançar um *status* unitário (Winnicott, 1960b), ou um estado de integração espaço-temporal onde existe um eu (*self*), que contém tudo, ao invés de elementos dissociados colocados em compartimentos,<sup>1</sup> ou dispersos e abandonados.

A fim de examinar a teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho, e perceber onde a criatividade encontra lugar, é necessário, como já afirmei, separar a idéia da criação, das obras de arte. É verdade que uma criação pode ser um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa. Dizendo melhor talvez, essas coisas poderiam ser criações. A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo. Presumivelmente, relaciona-se à qualidade viva de alguns animais, bem como dos seres humanos, embora notavelmente menos significativa em termos de animais, ou de seres humanos como baixa capacidade intelectual<sup>2</sup>, do que se nos referirmos a seres humanos dotados de capacidade intelectual quase média, média e elevada. A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que

<sup>1</sup> Já estudei (1966) um exemplo específico a esse respeito, em termos da neurose obsessiva.

<sup>2</sup> Torna-se necessário fazer distinção entre defeito mental primário e defeito clínico secundário à esquizofrenia da infância e do autismo, etc.

acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos.

Com referência à segunda dessas alternativas, incorremos em erro, provavelmente, se admitimos que a criatividade pode ser completamente destruída. Mas se tomamos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros, ou mortos em campos de concentração, ou vítimas da perseguição de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas. Estas, naturalmente, são aquelas que sofrem (ver Winnicott, 1968b). Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de maneira criativa. Estas circunstâncias representam o lado negativo da civilização. Referimo-nos à destruição da criatividade em indivíduos pela ação de fatores ambientais, numa data tardia no crescimento pessoal (cf. Bettelheim, 1960).

Trata-se de descobrir aqui uma maneira de estudar a perda, pelos indivíduos, de um ingresso criativo na vida ou da primeira abordagem criativa aos fenômenos externos. Estou interessado na etiologia. No caso extremo, existe um fracasso relativo, *ab initio*, no estabelecimento da capacidade pessoal para o viver criativo.

Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. Por outro lado, permanece a insatisfação em virtude daquilo que está oculto, carente por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver (Winnicott, 1968b).

Em casos graves, tudo o que importa e é real, pessoal, original e criativo, permanece oculto e não manifesta qualquer sinal de existência. Nesse caso extremo, o indivíduo não se importaria, de fato, de viver ou morrer. O suicídio pouca importância tem quando tal estado de coisas está poderosamente organizado num indivíduo, e nem mesmo o próprio indivíduo se dá

conta do que poderia ter sido, ou do que foi perdido, ou do que lhe está faltando (Winnicott, 1960a).

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa — bebê, criança, adolescente, adulto ou velho — se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical. Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele.

Nas tentativas empreendidas pela psicanálise para a abordagem do tema da criatividade, perdeu-se de vista, em grande parte, o tema principal. O autor analítico pode ter escolhido determinada personalidade notável nas artes, detendo-se em observações secundárias e terciárias, e ignorando tudo que se poderia chamar de primário. É possível escolher Leonardo da Vinci e tecer comentários muito importantes e interessantes sobre o relacionamento entre sua obra e certos fatos que lhe aconteceram na infância. Muita coisa pode ser obtida vinculando os temas de sua obra a suas inclinações homossexuais. Mas essas e outras circunstâncias no estudo da obra e da vida dos grandes homens contornam o tema que se acha no centro da idéia de criatividade. Inevitavelmente, esses estudos tendem a irritar os artistas e as pessoas criativas em geral, e isso se prende ao fato de que, parecendo estar chegando a algo e aparentemente capazes de explicar por que aquele homem foi grande e aquela mulher conseguiu tanto, sempre desviam a indagação para o lado errado. O tema principal, o do próprio impulso criativo, continua sendo contornado. A criação se ergue entre o observador e a criatividade do artista.

Não se trata, naturalmente, de que alguém seja capaz de explicar o impulso criativo, sendo improvável que se deseje sequer fazê-lo; mas é possível estabelecer, e estabelecer utilmente, um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito.

É possível estudar as causas da perda desse viver criativo: por que pode desaparecer o sentimento que o indivíduo tem de que a vida é real ou significativa.

Poder-se-ia supor que antes de certa época, há mil anos atrás, digamos, apenas algumas pessoas viviam criativamente (cf. Foucault, 1966). Para explicar isso, teríamos de dizer que, antes de certa data, é possível que apenas excepcionalmente um homem ou uma mulher tivessem atingido um *status* unitário no desenvolvimento pessoal. Antes de certa data, os milhões de seres humanos do mundo possivelmente jamais descobriram ou, decerto, logo perderam, ao final da tenra infância ou da infância propriamente dita, o sentimento de serem indivíduos. Esse tema ganha certo desenvolvimento em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), de Freud, sendo mencionado numa nota de rodapé que considero pormenor importante dos trabalhos de Freud: "Breasted chama-o "o primeiro indivíduo da história humana". Não podemos identificar-nos facilmente com homens e mulheres de tempos primitivos, que se identificavam com a comunidade e com a natureza, e com fenômenos inexplicados, tais como o nascer e o pôr do Sol, os raios e os terremotos. Foi necessária a criação de um corpo de ciência antes que homens e mulheres pudessem tornar-se unidades integradas em termos de tempo e espaço, que pudessem viver criativamente e existir como seres individuais. O tema do monoteísmo relaciona-se ao alcance dessa fase no funcionamento mental humano.

Uma outra contribuição ao tema da criatividade é oriunda de Melanie Klein (1957); trata-se do reconhecimento, por parte da autora, de impulsos agressivos e fantasias destrutivas que datam de época muito primitiva na vida do bebê. Klein toma a idéia da destrutividade do bebê e lhe concede uma ênfase apropriada, ao mesmo tempo em que levanta uma questão nova e vital a partir da idéia da fusão de impulsos eróticos e destrutivos como sinal de saúde. As afirmações kleinianas incluem o conceito de reparação e restituição. Em minha opinião, contudo, o importante trabalho de Klein não chega ao tema da criatividade em si e, portanto, poderia facilmente obscurecer ainda mais o tema principal. Necessitamos de seu trabalho, contudo, sobre a posição central do sentimento de culpa. Subjacente a este, temos o conceito básico de Freud quanto à ambivalência como aspecto de maturidade individual.

A saúde pode ser encarada em termos de fusão (impulsos eróticos e destrutivos) e isso torna mais urgente do que nunca o exame da origem da agressividade e da fantasia destrutiva. Por muitos anos, na metapsicologia psicanalítica, a agressividade parecia ser explicada com base na raiva.

Segundo meu ponto de vista, tanto Freud quanto Klein desviaram-se do obstáculo nesse ponto e refugiaram-se na hereditariedade. O conceito do instinto de morte poderia ser descrito como uma reafirmação do princípio do pecado original. Já tentei desenvolver o tema de que tanto Freud quanto Klein evitaram, assim procedendo, a implicação plena da dependência e, portanto, do fator ambiental (Winnicott, 1960b). Se a dependência realmente significa dependência, então a história de um bebê individualmente não pode ser escrita apenas em termos do bebê. Tem de ser escrita também em termos da provisão ambiental que atende a dependência ou que nisso fracassa (Winnicott, 1945, 1948, 1952).

Espera-se que a psicanálise seja capaz de utilizar a teoria dos fenômenos transicionais, a fim de descrever o modo como uma provisão ambiental suficientemente boa, nos estádios mais primitivos, torna possível ao indivíduo enfrentar o imenso choque da perda da onipotência.<sup>1</sup> O que chamei de 'objeto subjetivo' (Winnicott, 1962) torna-se gradualmente relacionado a objetos que são objetivamente percebidos: mas isso sucede apenas quando uma provisão ambiental suficientemente boa, ou um 'ambiente expectável médio' (Hartmann, 1939), capacita o bebê à loucura específica permitida aos bebês. Essa loucura só se transforma em loucura verdadeira se aparecer na vida posterior. No estágio da tenra infância, constitui o mesmo tema a que já me referi quando falei a respeito da aceitação do paradoxo, como acontece quando um bebê cria um objeto: mas o objeto não teria sido criado como tal se já não se encontrasse ali.

Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qua-

<sup>1</sup> É o que precede o alívio oriundo de mecanismos mentais, tal como a identificação cruzada.

lidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê.

Enquanto os analistas se esforçam na descrição da psicologia do indivíduo e dos processos dinâmicos de desenvolvimento e organização defensiva, e para incluir impulso e pulsão em termos do indivíduo, aqui, nesse ponto onde a criatividade passa a existir, ou não (ou, alternativamente, se perde), o teórico tem de levar em conta o meio ambiente, e nenhuma afirmação que se refira ao indivíduo como ser isolado pode tocar o problema central da fonte da criatividade.

Parece importante referir-nos aqui a uma dificuldade específica, que se origina da dessemelhança entre homem e mulher, embora homens e mulheres possuam muito em comum. Evidentemente, a criatividade constitui um dos denominadores comuns, algo de que homens e mulheres compartilham, ou compartilham a aflição pela perda ou ausência do viver criativo. Proponho-me agora a examinar esse assunto de outro ângulo.

#### OS ELEMENTOS MASCULINO E FEMININO EXPOLIDOS (SPLIT-OFF) ENCONTRADOS EM HOMENS E MULHERES<sup>1</sup>

Não constitui descoberta nova, dentro ou fora da psicanálise, a idéia de que homens e mulheres possuem 'predisposição para a bissexualidade'.

Tento utilizar aqui o que aprendi, a respeito da bissexualidade, através de análises que se dirigiram, passo a passo, no sentido de um certo ponto e focalizaram-se em determinados detalhes. Nenhuma tentativa será feita, entretanto, no sentido de remontar aos passos pelos quais determinada análise chegou a esse tipo de material. Podemos dizer que muito tem de ser feito ainda, antes que esse tipo de material se torne significante e exija prioridade. É difícil perceber como todo esse trabalho preliminar pode ser evitado. A lentidão do processo analítico é a manifestação de uma defesa que o analista tem de respeitar, tal como respeitamos todas as defesas. Embora o analista aprenda sempre do paciente, deve ser capaz de conhecer teoricamente os assuntos que interessam às características mais profundas ou

<sup>1</sup> Artigo lido perante a Sociedade Psicanalítica Britânica, em 2 de fevereiro de 1966, e revisto para publicação em *Forum*.

centrais da personalidade, para que não falhe na identificação e atendimento de novas exigências à sua compreensão e técnica, quando, finalmente, o paciente se torna apto a trazer assuntos profundamente sepultados para o conteúdo da transferência, concedendo, por esse meio, oportunidade para a interpretação mutativa. O analista, pela interpretação, demonstra o grau de comunicação que é capaz de receber do paciente.

Como fundamento à idéia que desejo expressar neste capítulo, sugiro que a criatividade constitui um dos denominadores comuns de homens e mulheres. Em outra linguagem, porém, a criatividade é prerrogativa das mulheres e, em outra linguagem ainda, é uma característica masculina. É essa última das três que me interessa no que se segue.

#### DADOS CLÍNICOS

##### *Caso Ilustrativo*

Proponho-me iniciar por um exemplo clínico, que se refere ao tratamento de um homem de meia-idade, casado, com família, e bem sucedido numa profissão liberal. A análise avançou conforme as linhas clássicas. Ele já fizera uma longa análise e não sou, de maneira alguma, seu primeiro psicoterapeuta. Um grande trabalho foi realizado por ele e por cada um dos terapeutas e analistas, por sua vez, e uma grande mudança foi ocasionada em sua personalidade. Mas, como ele asseverava, ainda existia algo que o impedia de deixar o tratamento. Sabia que não tinha encontrado aquilo que o levaria à análise. Se dividisse suas perdas, o sacrifício seria intolerável.

Na fase atual dessa análise, chegou-se a algo novo *para mim*. Algo que se relacionava à maneira pela qual eu entrava em contacto com o elemento não-masculino de sua personalidade.

Certa sexta-feira, o paciente falava da maneira usual, quando me impressionou o que ele dizia sobre *inveja do pênis*. Utilizo esse termo de caso pensado e devo aquiescer ao fato de que o termo era apropriado ali, em vista do material e da sua apresentação. Evidentemente, a expressão inveja do pênis geralmente não se aplica na descrição de um homem.

A mudança relativa a essa fase específica é mostrada pela maneira com que pude manejar o fato. Eu lhe dissera, na ocasião:

— Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça. Estou dizendo a ela: você está falando sobre inveja do pênis.

Quero enfatizar que isso nada tem a ver com homossexualidade.

(Foi-me apontado que minha interpretação, em cada uma de suas duas partes, podia ser imaginada como relacionando-se ao brincar, e tão distante quanto possível da interpretação autoritária, vizinha da doutrinação).

O efeito profundo causado por essa interpretação indicou-me claramente como fora apropriada. Não me interessaria relatar esse incidente nesse contexto, a não ser pelo fato de que o trabalho iniciado nessa sexta-feira realmente rompeu um círculo vicioso. Habituara-me a uma boa rotina de trabalho, interpretações boas, resultados imediatos bons e, depois, à destruição e à desilusão que se seguiam devido ao reconhecimento gradativo do paciente de que algo fundamental permanecera imutável. Havia aquele fator desconhecido que o mantivera em trabalho de análise por um quarto de século. Sofreria seu trabalho comigo o mesmo destino que o experimentado com outros terapeutas?

Nessa ocasião, houvera um efeito imediato sob a forma de aceitação intelectual, alívio, e, depois, efeitos mais remotos.

Após uma pausa, o paciente dissera: 'Se eu falasse a alguém sobre essa moça, seria chamado de louco'.

O assunto poderia ter sido abandonado aqui, mas, em vista dos acontecimentos subsequentes, alegro-me de ter seguido adiante. Foi minha observação seguinte que me surpreendeu, tocando um ponto importante.

Falei: 'Não é que você tenha contado isso a alguém; sou *eu* que vejo a moça e ouço uma moça falar, quando, na realidade, em meu divã acha-se um homem. O louco sou *eu*.'

Não tive de elaborar esse ponto, porque a chave era aquela. O paciente disse que agora se sentia são, num ambiente louco. Em outras palavras, achava-se agora liberto de um dilema.

Como ele disse, subseqüentemente: 'Eu mesmo nunca poderia dizer (sabendo-me um homem): sou uma moça. Não sou louco assim. Mas você disse e falou para ambas as partes de mim.

Aquela loucura, que era minha, capacitou-o a ver-se como uma moça, a partir de minha posição. Sabia-se homem e nunca duvidara de que o fosse.

É evidente o que acontecia aqui? De minha parte, precisei passar por uma profunda experiência pessoal para chegar à compreensão que acho ter atingido agora.

Esse complexo estado de coisas apresentava uma realidade especial para esse homem, porque ele e eu fomos impulsionados à conclusão (embora incapazes de prová-la) de que sua mãe (que já não está viva) viu uma menina quando o viu como bebê, antes de passar a aceitá-lo como menino. Em outras palavras, esse homem teve de ajustar-se àquela idéia da mãe de que seu bebê seria e era uma menina. (Era o segundo filho, e o primogênito também era menino). Temos boas provas, através da análise, de que, nos primeiros cuidados prestados ao filho, a mãe o segurava e com ele lidava, sob todas as formas de modos físicos, como se não pudesse vê-lo como indivíduo do sexo masculino. Posteriormente, ele dispôs suas defesas na base desse padrão, mas a 'loucura' da mãe que via uma menina onde existia um menino, fora trazida diretamente ao presente através de minha afirmativa: 'Sou eu que estou louco'. Nessa sexta-feira, ele saiu profundamente comovido, convencido de que tinha atingido a primeira mudança significativa na análise, desde muito tempo, embora, como já referi, já tivesse havido um progresso contínuo no sentido de um bom trabalho a ser feito.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Para um exame pormenorizado do papel de espelho da mãe no desenvolvimento infantil, ver Capítulo IX.

Gostaria de fornecer outros pormenores relativos à esse incidente da sexta-feira. Quando ele retornou, na segunda-feira seguinte, disse-me que estava doente. Sabia que ele tivera uma infecção e lembrei-lhe o fato de que sua esposa poderia tê-la no dia seguinte, o que de fato aconteceu. Entretanto, ele me convidava a interpretar essa doença, que começara no sábado, como se fosse psicossomática. Tentava contar-me que na noite de sexta-feira tivera uma relação sexual satisfatória com a esposa e, assim, deveria ter-se sentido melhor no sábado; ao invés disso, porém, ficara doente e sentira-se doente. Pude deixar de lado o distúrbio físico e conversar a respeito da incongruência de ele sentir-se doente após a relação em que tinha acreditado como experiência sanadora. (De fato, ele poderia ter dito simplesmente: 'Peguei uma gripe, mas, apesar disso, sinto-me melhor, dentro de mim mesmo.')

Minha interpretação continuou no sentido do que começara na sexta-feira.

Disse-lhe: 'Você se sente como se devesse estar contente por ter havido aqui uma interpretação minha que liberou um comportamento masculino. A moça a quem eu estava falando, contudo, não deseja que o homem seja liberado e, de fato, não está interessada nele. O que ela quer é um pleno reconhecimento de si mesma e de seus próprios direitos sobre seu corpo. A inveja do pênis, que ela sente, inclui especialmente a inveja que sente de você como indivíduo do sexo masculino'. E prossegui: 'Sentir-se doente constitui um protesto do eu feminino dessa moça, porque ela sempre esperou que a análise descobrisse que esse homem, você, é e sempre foi uma moça (e 'estar doente' é uma gravidez pré-genital). O único final para a análise que essa moça pode aguardar é a descoberta de que você, de fato, é uma moça.'

A partir disso, podia-se começar a compreender sua convicção de que a análise nunca terminaria.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Compreender-se-á, espero, que não estou sugerindo que a doença física muito real desse paciente, a gripe, fora ocasionada pelas tensões emocionais que coexistiam com as físicas.



Nas semanas subsequentes tivemos amplo material que confirmava a validade de minha interpretação e atitude, e o paciente sentiu que podia perceber agora que sua análise deixara de estar sob a condenação de se tornar interminável.

Posteriormente, pude perceber que a resistência do paciente se deslocara agora para a negação da importância do que eu dissera: 'Sou eu que estou louco'. Tentou pôr isso de lado, como se fosse apenas meu modo de dizer as coisas, uma figura de retórica que podia ser esquecida. Descobri, contudo, que tínhamos aqui um daqueles exemplos de transferência delirante que intrigam igualmente pacientes e analistas: o ponto crucial do problema do manejo estava justamente aqui, nessa interpretação, a qual, confesso, quase não me permiti efetuar.

Quando me concedi tempo para refletir sobre o que acontecera, fiquei intrigado. Não havia aqui qualquer conceito teórico novo, nenhum novo princípio de técnica. Na realidade, eu e meu paciente já havíamos percorrido antes esse campo. Entretanto, tivéramos aqui algo de novo, novo em minha própria atitude e novo em sua capacidade de fazer uso de meu trabalho interpretativo. Decidi render-me ao que quer que aquilo pudesse significar para mim mesmo e o resultado pode ser encontrado neste artigo que estou apresentando.

### *Dissociação*

A primeira coisa que notei foi que antes eu nunca aceitara integralmente a dissociação completa entre o homem (ou mulher) e o aspecto da personalidade que tem o sexo oposto. No caso desse paciente, a dissociação era quase completa.

Descobri eu, então, um novo gume para uma arma antiga e fiquei pensando como isso poderia afetar ou afetaria o trabalho que fazia com outros pacientes, tanto homens quanto mulheres, meninos e meninas. Decidi, portanto, estudar esse tipo de dissociação, deixando de lado, mas sem esquecê-los, todos os outros tipos de divisão.

### *Elementos Masculinos e Femininos em Homens e Mulheres<sup>1</sup>*

Nesse caso específico, houvera uma dissociação que começava a chegar ao ponto da desagregação. A defesa da dissociação abria caminho à aceitação da bissexualidade como qualidade da unidade ou eu (*self*) total. Percebi que lidava com o que poderia ser chamado de *elemento feminino puro*. A princípio, surpreendeu-me que pudesse chegar a isso unicamente pela observação do material apresentado por um paciente masculino.<sup>2</sup>

Uma outra observação clínica relaciona-se a esse caso. Um pouco do alívio que acompanhou nossa chegada à nova plataforma de nosso trabalho conjunto proveio do fato de que podíamos agora explicar porque minhas interpretações nunca eram mutativas, embora tivessem bons fundamentos, com respeito ao uso de objetos, satisfações erótico-orais na transferência, idéias sádico-orais a respeito do interesse do paciente no analista, como objeto parcial, ou como pessoa com seio, ou pênis. Eram aceitas, sim, e daí? Agora que a nova posição fora alcançada, o paciente sentia-se em relação comigo e esse sentimento era

<sup>1</sup> Continuarei a empregar essa terminologia (elementos masculinos e femininos) por enquanto, pois não conheço outros termos descritivos apropriados. 'Ativo' e 'passivo' com certeza não são termos corretos e tenho de dar continuidade ao argumento recorrendo aos termos disponíveis.

<sup>2</sup> Seria lógico, aqui, fazer acompanhar o trabalho que esse homem e eu realizamos juntos por um fragmento semelhante que envolvesse uma paciente, menina ou mulher. Por exemplo, uma moça me recorda antigo material pertencente ao primitivo período de latência, quando ansiava por ser um menino. Despendeu muito tempo e energia desejando um pênis para si. Necessitava, contudo, de uma compreensão especial, ou seja, de que ela, evidentemente uma menina, e feliz por ser uma menina, ao mesmo tempo (com uma parte dez por cento dissociada) sabia e sempre soubera que era um menino. Associado a isso, nutria a certeza de ter sido castrada e, assim, despojada de potencial destrutivo, e, juntamente com aquela, achava-se o assassinio da mãe e a totalidade de sua organização defensiva masoquista, central à sua estrutura de personalidade.

Fornecer exemplos clínicos aqui me faz correr o risco de distrair a atenção do leitor de meu tema principal; além disso, se minhas idéias são verdadeiras e universais, então cada leitor possuirá casos pessoais que ilustram o lugar da dissociação, de preferência ao da repressão, com relação a elementos masculinos e femininos em homens e mulheres.

extremamente intenso. Tinha a ver com identidade. O elemento feminino puro expelido (*split-off*) encontrou uma unidade primária comigo, como analista, e isso deu ao paciente a sensação de que começava a viver. Fui influenciado por esse pomenor, como aparecerá em minha aplicação à teoria daquilo que descobri nesse caso.

#### *Adendo à Parte Clínica*

É recompensador passar em revista o próprio material clínico atual, mantendo-se em mente esse exemplo de dissociação, o elemento feminino expelido (*split-off*) num paciente masculino. O assunto pode rapidamente tornar-se vasto e complexo, de modo que algumas observações têm de ser selecionadas para menção especial.

(a) Pode-se descobrir, para própria surpresa, que se está lidando com a parte expelida (*split-off*), e tentando analisá-la, ao passo que a pessoa principal em funcionamento aparece apenas em forma projetada. É como tratar uma criança unicamente para descobrir que se está tratando de um ou outro dos genitores, por procuração. Todas as variações possíveis sobre esse tema podem surgir no caminho.

(b) O elemento do outro sexo pode estar completamente expelido (*split-off*), de maneira que, por exemplo, um homem pode não ser capaz de estabelecer vínculo algum com a parte expelida (*split-off*). Isso se aplica especialmente quando a personalidade é, sob outros aspectos, sadia e integrada. Onde a personalidade em funcionamento já está organizada em múltiplas divisões, há menos ênfase no 'eu sou sadio' e, portanto, menos resistência à idéia 'sou uma menina' (no caso de um homem) ou 'sou um menino' (no caso de uma menina).

(c) É possível encontrar, clinicamente, uma dissociação do outro sexo quase completa, organizada em relação a fatores externos em data muito primitiva, de mistura a dissociações posteriores organizadas como defesa, baseadas mais ou menos em identificações cruzadas. A realidade dessa defesa organizada posteriormente, pode agir contra a revivescência pelo paciente, na análise, da divisão reativa primitiva.

(Há aqui o axioma de que o paciente sempre se apegará à plena exploração de fatores pessoais e *internos*, que lhe dão

certa medida de controle onipotente, de preferência a permitir a idéia de uma reação grosseira a um fator ambiental, seja ele deformação ou fracasso. A influência ambiental, má ou mesmo boa, ingressa em nosso trabalho como uma idéia traumática, intolerável por não funcionar dentro da área da onipotência do paciente. Compare-se à alegação do melancólico de que é responsável por *todos* os males.)

(d) A parte do outro sexo expelida (*split-off*) da personalidade tende a permanecer de uma só idade ou a crescer apenas lentamente. Comparadas a isso, as figuras verdadeiramente imaginativas da realidade psíquica interna amadurecem, inter-relacionam-se, envelhecem e morrem. Por exemplo, um homem que dependa de meninas mais jovens para manter vivo seu eu (*self*) feminino expelido (*split-off*) pode gradativamente tornar-se capaz de utilizar, para esse fim específico, moças em idade de casar. Mas mesmo que viva até os noventa, é improvável que as moças assim utilizadas atinjam os trinta. Entretanto, num paciente, a menina (a ocultar o elemento feminino puro de formação anterior) pode possuir características de moça, ter orgulho dos seios, experimentar inveja do pênis, engravidar, não ser aparelhada de órgãos externos genitais masculinos e até mesmo possuir uma aparelhagem sexual feminina e ter prazer na experiência sexual feminina.

(e) Questão importante aqui é a avaliação de tudo isso em termos de saúde psiquiátrica. O homem que inicia meninas na experiência sexual pode ser alguém que se sinta mais identificado com a menina do que consigo mesmo, o que lhe concede a capacidade de ir até o fim para despertar o sexo da menina e satisfazê-la. Paga por isso obtendo, ele próprio, apenas uma pequena satisfação masculina, e paga também em função de sua necessidade de buscar sempre uma nova menina, constituindo isso o oposto da constância de objeto.

No outro extremo, encontra-se a doença da impotência e, entre os dois, reside toda a gama da potência relativa misturada com dependência de diversos tipos e graus. O que é normal depende da expectativa social de determinado grupo social em determinada época. Não se poderia dizer que, no extremo patriarcal da sociedade, a relação sexual é o estupro e, no extremo matriarcal, o homem com um elemento feminino expelido

(*split-off*) que tem de satisfazer muitas mulheres é valorizado, mesmo que assim procedendo se aniquile a si mesmo?

Entre os extremos, encontra-se a bissexualidade e uma expectativa de experiência sexual que é menos que ótima. Isso condiz com a idéia de que a saúde social é levemente depressiva — exceto em relação aos feriados.

É interessante que a existência desse elemento feminino expelido (*split-off*) impeça, na realidade, a prática homossexual. No caso de meu paciente, ele sempre fugiu de avanços homossexuais no momento crítico, porque (quando veio procurar-me e falar-me) colocar a homossexualidade em prática estabeleceria sua masculinidade, que (do ponto de vista do eu [*self*] do elemento feminino expelido [*split-off*]) jamais quis tomar como certa.

(Nas pessoas normais, onde a bissexualidade é um fato, as idéias homossexuais não conflitam assim, principalmente porque o fator anal (que é uma questão secundária) não atingiu supremacia sobre a felação e, na fantasia de uma união de felação, a questão do sexo biológico da pessoa não é significativa.)

(f) Parece que, na evolução do mito grego, os primeiros homossexuais eram homens que imitavam as mulheres, de maneira a obter um relacionamento tão estreito quanto possível com a deidade suprema. Isso pertencia a uma era matriarcal da qual surgiu um sistema teológico patriarcal, com Zeus como chefe. Zeus (símbolo do sistema patriarcal) deu início à idéia do menino amado sexualmente pelo homem; juntamente com isso, houve a relegação da mulher a um *status* inferior. Se isso constitui um enunciado verídico da história do desenvolvimento das idéias, fornece o vínculo de que necessito para reunir minhas observações clínicas a respeito do elemento feminino expelido (*split-off*), no caso de pacientes masculinos, à teoria da relação de objeto. (O elemento masculino expelido [*split-off*] nas pacientes é de igual importância em nosso trabalho, mas o que tenho a dizer sobre relação de objeto só pode ser dito apenas em termos de um dos dois exemplos possíveis de dissociação.)

#### RESUMO DAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Em nossa teoria, é necessário admitir tanto um elemento masculino quanto outro, feminino, em meninos e homens e em

meninas e mulheres. Esses elementos podem ser dissociados e expelidos (*split-off*) uns dos outros em alto grau. A idéia exige de nós não só o estudo dos efeitos clínicos desse tipo de dissociação, como também o exame dos próprios elementos masculino e feminino destilados.

Já fiz algumas observações sobre os efeitos clínicos; é meu propósito examinar agora o que chamo de elementos masculino e feminino destilados (não pessoas masculinas e femininas).

#### ELEMENTOS MASCULINOS PUROS E ELEMENTOS FEMININOS PUROS

##### *Especulação Sobre o Contraste em Tipos de Relações de Objeto*

Comparemos e contrastemos os elementos masculino e feminino não mesclados no contexto da relação de objeto.

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de 'masculino' transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subseqüentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de *o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito*. Não consigo ver impulso instintivo nisso.

(Deve-se também recordar o emprego da palavra instinto, que se origina da etologia; contudo, duvido muito de que o conceito de *imprinting*\* afete de algum modo o bebê humano recém-nascido. Direi, aqui e agora, que acredito que toda e qualquer referência a *imprinting* é irrelevante para o estudo da

\* Segundo E. Hess, o conceito de *imprinting* refere-se a uma forma rígida de aprendizagem que difere em muitos aspectos da clássica aprendizagem envolvendo a repetitiva associação entre estímulo e resposta. A sua característica principal seria a de estar limitada a um período crítico do desenvolvimento infantil, bastando poucas exposições (em alguns casos basta uma) a um objeto com certas propriedades para que o comportamento social a ser apresentado na fase adulta seja completamente modificado. Esse fenômeno foi observado

primitiva relação de objeto de bebês humanos, e decerto nada tem a ver com o trauma da separação aos dois anos, ocasião em que foi suposta sua importância primordial.)

O termo objeto subjetivo foi utilizado para descrever o primeiro objeto, o objeto *ainda não repudiado como um fenômeno não-eu*. Aqui, nesse relacionamento do elemento feminino puro com o 'seio', encontra-se uma aplicação prática da idéia de objeto subjetivo, e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é, a idéia de um eu (*self*) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade.

Por complexa que se torne a psicologia do sentimento do eu (*self*) e do estabelecimento de uma identidade, à medida que o bebê cresce, nenhum sentimento do eu (*self*) surge, exceto na base desse relacionamento no sentimento de SER. Este último é algo que precede a idéia de estar-em-união-com, porque ainda não houve nada mais, exceto identidade. Duas pessoas separadas podem *sentir-se* em união, mas aqui, nessa área que examino, o bebê e o objeto *são* um. O termo identificação primária talvez tenha sido usado para designar exatamente isso que descrevo, além de tentar demonstrar quão vitalmente importante é essa primeira experiência para o início de todas as experiências subsequentes de identificação.

Tanto a identificação projetiva quanto a introjetiva originam-se dessa área em que cada um é o mesmo que o outro.

No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, isso que chamo de relação de objeto do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de *ser*. Existe aqui uma verdadeira continuidade de gerações, sendo aquilo que é passado de uma geração a outra, por via do elemento feminino de homens e mulheres e de bebês masculinos e femininos. Penso que isso já foi dito antes, mas sempre em termos de mulheres e meninas, o que pode estabelecer uma certa confusão. Referi-

---

em várias espécies de mamíferos entretanto, ainda não se pôde verificar a sua existência no homem. (Nota de Luigi Moscatelli, da Universidade Federal Fluminense, Dep. de Psicologia, para a IMAGO Editora.)

mo-nos a elementos femininos tanto em homens quanto em mulheres.

Em contraste, a relação de objeto do elemento masculino com o objeto pressupõe uma separação. Assim que se acha disponível a organização do ego, o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado, e experimenta satisfações do id que incluem a raiva, relativa à frustração. A satisfação dos impulsos acentua a separação do objeto quanto ao bebê e conduz à objetivação do objeto. Daí por diante, tratando-se do elemento masculino, a identificação necessita basear-se em mecanismos mentais complexos, aos quais se tem de conceder tempo para surgirem, se desenvolverem e se estabelecerem como parte da aparelhagem do novo bebê. Tratando-se do elemento feminino, contudo, a identidade exige tão pouca estrutura mental, que essa identidade primária pode constituir uma característica desde muito cedo, e o alicerce para o simples ser pode ser lançado (digamos assim) a partir da data do nascimento, ou antes, ou pouco depois, ou de onde quer que a mente se tenha libertado dos empecilhos a seu funcionamento, devidos à imaturidade e a danos cerebrais associados ao processo do nascimento.

A psicanálise talvez tenha concedido atenção especial a esse elemento masculino ou aspecto impulsivo da relação de objeto, e negligenciado, contudo, a identidade sujeito-objeto para a qual chamo a atenção aqui, identidade que se encontra na base da capacidade de ser. O elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) *é*. Aqui podemos reportar-nos àqueles homens do mito grego que tentaram pôr-se em união com a deidade suprema. E aqui encontramos inclusive uma maneira de afirmar a inveja profundamente localizada que uma pessoa do sexo masculino sente das mulheres, cujo elemento feminino os homens tomam como evidente, às vezes erroneamente.

Parece que a frustração relaciona-se à busca da satisfação. A experiência de ser relaciona-se a algo mais, não à frustração, mas ao mutilar. Desejo examinar esse pormenor específico.

#### *Identidade: Filho e Seio*

Não é possível enunciar o que chamo aqui de relação do

elemento feminino com o seio, sem o conceito de mãe suficientemente boa, e insuficientemente boa.

(Essa observação é ainda mais verdadeira nessa área do que na área comparável abrangida pelos termos fenômenos transicionais e objetos transicionais. O objeto transicional representa a capacidade da mãe de apresentar o mundo de maneira tal que o bebê, a princípio, não tem de saber que o objeto não é criado por ele. Em nosso contexto imediato, podemos conceder significação total ao conceito de adaptação, com a mãe ou fornecendo ao bebê a oportunidade de achar que o seio é ele, ou deixando de fazê-lo. O seio aqui constitui um símbolo, não de fazer, mas de ser.)

Referir-se a isso como uma provisão suficientemente boa de elemento feminino constitui uma questão de manejo sutil nas suas minúcias. Para isso, podemos inspirar-nos nos trabalhos de Margaret Mead e Erik Erikson, que descrevem as modalidades pelas quais o cuidado materno em diversos tipos de cultura determina, em idade muito tenra, os padrões das defesas do indivíduo e também fornece os diagramas para a sublimação posterior. São questões extremamente sutis, que estudaremos a respeito *desta* mãe e *deste* filho.

#### *A Natureza do Fator Ambiental*

Retorno agora à consideração do estágio muito primitivo em que o padrão está sendo estabelecido pelo modo como a mãe, de formas sutis, maneja seu bebê. Tenho de referir-me pormenorizadamente ao exemplo bastante especial do fator ambiental. Ou a mãe possui um seio que *é*, de maneira que o bebê também pode *ser*, quando bebê e mãe ainda não estão separados na mente rudimentar daquele, ou então a mãe é incapaz de efetuar essa contribuição, caso em que o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser, ou com uma capacidade mutilada de ser.

(Clinicamente, necessita-se lidar com o caso do bebê que tem de se haver com uma identidade com um seio que é ativo, que é um seio de elemento masculino, mas que não é satisfatório para a identidade inicial, a qual necessita de um seio que *é*, não de um seio que *faz*. Ao invés de 'ser como', esse bebê

tem de 'fazer como', ou ser-lhe feito, o que, do nosso ponto de vista aqui, constitui a mesma coisa.)

A mãe capaz de realizar essa tarefa muito sutil a que me refiro, evita que o eu (*self*) 'feminino puro' do filho se torne invejoso do seio, visto que, para esse filho, o seio é o eu (*self*) e o eu (*self*) é o seio. Inveja é um termo que poderia ser aplicável à experiência de um fracasso tantalizante do seio como algo que *É*.

#### *Os Elementos Masculino e Feminino Contrastados*

Essas considerações me envolveram, portanto, numa afirmação singular sobre os aspectos masculinos e femininos puros do bebê masculino ou feminino. Cheguei a uma posição em que posso afirmar que a relação de objeto em termos *dessa elemento feminino puro nada tem a ver com o impulso (ou instinto)*. A relação de objeto apoiada pelo impulso instintivo refere-se ao elemento masculino da personalidade não-contaminado pelo elemento feminino. Essa linha de argumento envolve-me em grandes dificuldades e, contudo, num enunciado dos estádios iniciais do desenvolvimento emocional do indivíduo, parece-me necessário separar, não meninos de meninas, mas o elemento masculino não-contaminado do elemento feminino não-contaminado. O enunciado clássico referente a encontrar, utilizar, erotismo oral, sadismo oral, fases anais, etc., surge de uma consideração da vida do elemento masculino puro. Estudos de identificação, baseados na introjeção ou na incorporação, constituem estudos da experiência de elementos masculinos e femininos já mesclados. O estudo do elemento feminino puro nos conduz a outra área.

O estudo do elemento feminino, puro, destilado e não-contaminado, nos conduz ao SER, e constitui a única base para a autodescoberta e para o sentimento de existir (e, depois, à capacidade de desenvolver um interior, de ser um continente, de ter a capacidade de utilizar os mecanismos de projeção e introjeção, e relacionar-se com o mundo em termos da introjeção e da projeção).

Correndo o risco de ser repetitivo, desejo reafirmar: quando o elemento feminino no bebê ou paciente masculino ou feminino encontra o seio, é o eu (*self*) que foi encontrado. Se

a pergunta for formulada: 'que faz o bebê feminino com o seio?', a resposta deve ser: 'esse elemento feminino é o seio, compartilha das qualidades de seio, e mãe, e é desejável'. Com o decorrer do tempo, desejável significa comestível, e isso quer dizer que o bebê se sente em perigo por ser desejável, ou, em linguagem mais apurada, excitante. Excitante implica: sujeito a fazer com que o elemento masculino de alguém *faça* algo. Dessa maneira, um pênis de homem pode ser um elemento feminino excitante, a gerar atividade de elemento masculino na menina. Mas — e isso deve ser deixado claro — nenhuma menina, ou mulher, é assim: na saúde, existe uma quantidade variável de elemento feminino numa menina, e também num menino. Elementos de fator hereditário também entram nisso, de modo que facilmente seria possível encontrar um menino com um elemento feminino mais intenso do que a menina a seu lado, possuidora talvez de um potencial de elemento feminino menos puro. Acrescente-se a isso que varia a capacidade das mães de transmitirem a desejabilidade do seio bom, ou daquela parte da função materna que o seio simboliza, e daí, temos que certos meninos e meninas estão fadados a crescerem com uma sexualidade assimétrica, mais carregada no lado errado de sua provisão biológica.

Isso faz-me lembrar a pergunta: qual é a natureza da comunicação que Shakespeare oferece em seu esboço da personalidade e caráter de Hamlet?

A tragédia versa principalmente sobre o terrível dilema em que Hamlet se encontrou, sem que houvesse solução, devido à dissociação que nele se processava, como mecanismo de defesa. Seria gratificante escutar um ator representar Hamlet, tendo isso em mente. Tal ator pronunciaria de maneira especial a primeira linha do famoso monólogo 'Ser, ou não ser. . .'. Diria ele, como se estivesse tentando chegar ao fundo de algo que não pode ser medido: 'Ser. . . ou. . .', e, então, faria uma pausa, porque, na realidade, Hamlet, a personagem, desconhece a alternativa. Por fim, viria a alternativa bastante banal: 'ou não ser', e já estaria bem avançado numa jornada que não pode levar a parte alguma. 'O que é mais nobre? Na mente sofrer / As pedras e as flechas da arbitraria fortuna / Ou tomar armas contra um mar de dificuldades / E, se lhes opondo, findá-las?' (Ato III, Cena 1). Aqui, Hamlet ingressou na alternativa sado-maso-

quista e deixou de lado o tema por onde começara. O seguimento da peça constitui uma longa elaboração do enunciado do problema. Quero dizer: Hamlet é retratado, nessa fase, como estando à procura de uma alternativa para a idéia 'Ser'. Procurava uma maneira de enunciar a dissociação que se realizara, em sua personalidade, entre seus elementos masculinos e femininos, elementos que, até a ocasião da morte de seu pai, conviviam em harmonia, constituindo apenas aspectos de sua pessoa ricamente dotada. Inevitavelmente escrevo como se escrevesse sobre uma pessoa, não sobre uma personagem teatral.

Tal como o vejo, a dificuldade desse monólogo está na impossibilidade de Hamlet encontrar a chave para seu dilema, já que este residia em seu próprio estado alterado. Shakespeare tinha a chave, mas Hamlet não podia assistir à peça de Shakespeare.

Se a peça for vista dessa maneira, parece possível utilizar a atitude alterada de Hamlet com respeito a Ofélia e a crueldade de seu comportamento como um retrato da rejeição cruel de seu próprio elemento feminino, agora expelido (*split-off*) e transmitido a ela, com seu elemento masculino pouco bem-vindo ameaçando tomar conta de toda a sua personalidade. A crueldade para com Ofélia pode constituir uma medida da sua relutância em abandonar seu elemento feminino expelido (*split-off*).

Dessa maneira, a peça (se Hamlet pudesse tê-la lido, ou se a tivesse visto encenada) poderia ter-lhe mostrado a natureza de seu dilema. A peça dentro da peça fracassou nesse sentido: eu diria que foi por ele encenada para trazer à vida seu elemento masculino, que fora desafiado ao máximo pela tragédia com que se entretera.

Seria possível descobrir que o mesmo dilema no próprio Shakespeare estabelece o problema subjacente ao conteúdo dos sonetos. Mas isso seria ignorar ou mesmo afrontar sua característica precípua, ou seja, a poesia. Na verdade, como o Professor L. C. Knights (1946) insiste especificamente, é fácil demais esquecer a poesia das peças ao escrever sobre as *dramatis personae* como se fossem personagens históricas.

## RESUMO

1. Examinei as implicações que para mim existiam, em meu trabalho, do novo grau de reconhecimento que adquiri com respeito à importância da dissociação, em certos homens e mulheres, implicações que se referem a esses elementos masculinos ou femininos e às partes de suas personalidades, construídas sobre esses alicerces.

2. Examinei os elementos masculino e feminino artificialmente dissecados e descobri que associo por enquanto o impulso relacionado a objetos (e também a voz passiva disso) ao elemento masculino, enquanto postulo que a característica do elemento feminino no contexto da relação de objeto é a identidade, concedendo à criança base para ser, e depois, mais tarde, uma base para o sentimento do eu (*self*). Acredito que é aqui, na dependência absoluta da provisão materna, daquela qualidade especial pela qual a mãe atende, ou deixa de atender ao funcionamento mais primitivo do elemento feminino, que podemos buscar o fundamento da experiência de ser. Já escrevi: 'Assim, não há sentido em fazer uso da palavra "id" para designar fenômenos que não são abrangidos, catalogados, experimentados e, finalmente, interpretados pelo funcionamento do ego' (Winnicott, 1962).

Hoje, desejo dizer: 'Após ser — fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo'.

### NOTA ACRESCENTADA SOBRE O TEMA DO FURTAR

O furtar relaciona-se ao elemento masculino em meninos e meninas. Surge a questão: qual é o correspondente disso, em termos do elemento feminino, em meninos e meninas? A resposta poderia ser: quanto a esse elemento, o indivíduo usurpa a posição da mãe ou seu lugar e vestimentas, derivando daí o caráter de ser desejável e sedutor furtado da mãe.